

## O declínio do efeito “cidade partida”\*

Heloísa Buarque de Hollanda

*“O funk carioca é a atitude de soltar o corpo ao escracho, reinventar o ridículo para transformá-lo em estilo, conforme um texto quase manifesto que defende a sua índole libertária”*

Foi admirando o Paço Imperial, visto da perspectiva da Praça XV, que me veio à cabeça um dado precioso para a compreensão do perfil cultural do Rio de Janeiro. Se hoje, o Paço é um centro cultural ativo, contemporâneo e, sobretudo, múltiplo, houve um dia que, deixando de ser a Casa dos Governadores, foi transformado, às pressas, no Paço Real tornando-se o cenário de um fato tão anacrônico como significativo. Foi no Paço que se instalou, em estado de emergência, D. João VI, a família real e aproximadamente 18 mil pessoas entre empregados e membros da corte portuguesa. Ou seja: num momento em que as colônias portuguesas e espanholas exercitavam seu direito de rebelião e conflito contra o jugo dos colonizadores europeus, no Rio de Janeiro em plena Praça XV, oferecíamos abrigo à corte portuguesa que chegava às pressas, fugida, pedindo asilo a seus súditos, formatando na comunidade local estranhos sistemas de hierarquia e de articulação entre culturas, valores e poderes. Não quero estabelecer uma relação de causa e efeito entre esta estranha geopolítica dos primórdios da formação de uma cultura carioca, mas esta deve ter contribuído de alguma forma para a geração da habilidade que desenvolvemos em minimizar as situações de confronto, da expertise no jogo de corpo, do comportamento aristocrático de depreciação do trabalho e da disciplina produtiva, da capacidade diferenciada em acolher o estrangeiro, da flexibilidade na coexistência bem-humorada de fatores contraditórios que definem um *ethos* absolutamente original para a cultura da cidade.

Indo direto ao ponto das tendências culturais emergentes na década de 2000, não há como não ressaltar como principal fenômeno deste início de século XXI, a afirmação das vozes da periferia urbana no mercado cultural.

No Rio de Janeiro, esse fenômeno apresenta certas características próprias. Tomo, como exemplo, o funk, considerado uma manifestação cultural estritamente carioca. Poderíamos dizer, sem medo de errar, que o funk carioca é mais do que um estilo de música. É antes de mais nada do funk, Miami bass, charm, techno, rap, hip hop e MPB.

\* Texto originalmente publicado na Revista Carioquice, n. 1, ano I, em 2004.

Reza a história que o funk carioca surgiu quando foi descoberta a possibilidade de usar a bateria eletrônica baseada numa batida funk de Miami e deitar por cima a fala das gangues, a fala do morro. A maioria plena de suas letras falam de dançar, pular, transar, zoar. Isto é, desde seus primórdios o funk no Rio de Janeiro gera a festa.

Um texto quase-manifesto, divulgado no site Rio Funk defende a índole libertária do funk carioca que se expressa através do balanço do corpo. Ou melhor dizendo a atitude de “soltar o corpo ao escracho, reinventar o ridículo, para transformá-lo em estilo” (sic). Afirmam ainda que o erotismo do funk veio para salvá-lo da violência. E aqui estabelecesse o confronto entre Rio e São Paulo dividindo corações e ideologias. O funk carioca (chamado pelos paulistas de bunda lelé), aquele que mixa gêneros, ritmos e comportamentos e o rap paulista, que é antimestiço, doutrinário e explicitamente engajado. Essa discussão, que é tão longa quanto antiga, leva ao debate sobre o que é e o que não é político, discussão que foge ao âmbito deste artigo. Estrategicamente fico com Hermano Vianna que defende o funk como um caminho para o novo, para a articulação cultural e que contém a vitalidade (e a possibilidade de sobrevivência) da “melhor cultura popular carioca”. Perseguindo a pista de Hermano, e pensando sobre o que ele chama de “a melhor cultura carioca”, descarto o debate sobre uma possível inflexão política implícita no funk e foco no seu evidente poder de trânsito, integração e congregação entre tribos, classes e credos, enquanto o rap paulista ainda que louvado por sua dicção revolucionária, é inegavelmente mais circunscrito ou territorializado.

Hoje, o funk deixou de ser uma música típica da periferia carioca e está se espalhando rapidamente pelo país. O Rio de Janeiro, nestes últimos anos, tornou-se o segundo produtor de funk do mundo.

Na própria produção cultural mainstream a presença da periferia não como tema, mas como uma nova competência cultural é visível. Cito rapidamente alguns casos, apenas à guisa de exemplo. No cinema, filmes como “Notícias de uma guerra particular” e “Cidade de Deus”, com a participação técnica e autoral das comunidades-tema são eloqüentes; nas artes plásticas, o trabalho “Roupa de Marca” realizado por Rosana Palazyan, em co-autoria com jovens internos da Escola João Luiz Alves, onde cumprem pena por tráfico e assalto à mão armada, comprova o rendimento cultural deste tipo de parceria autoral; na literatura, a obra de Waly Salomão mostrou um significativo influxo de retorno e intensidade de respostas no seu espaço criativo de troca e educação na favela de Vigário Geral; na moda, o desfile-espetáculo criado por Bia Lessa para a griffe Blue

Man, sincroniza “funkeiros e intelectuais e empolga a platéia do Fashion Rio, evento que transformou o MAM em point da cidade”.

Pode-se dizer, sem hesitação, que o efeito “Cidade Partida” não caracteriza mais a cultura carioca. Como observa Paulo Lins, no lugar das favelas (antigos similares das senzalas) surgem as neofavelas (atuais similares dos quilombos) com voz própria, beleza própria, inserção no mercado cultural e alto poder agregador.

Definir hoje a cultura do Rio de Janeiro é antes de mais nada imaginar estratégias e políticas culturais a partir desta rede de canais recém-abertos, das perspectivas efetivas de inclusão social que a nova cultura urbana carioca vem sinalizando e do sonho de estarmos assistindo ao inédito rito de passagem da cultura à cidadania.